

## COLÔNIA SILVEIRA MARTINS/RS: GÊNESE E DESENVOLVIMENTO

Marcos Aurelio Saquet<sup>1</sup>

Inicialmente, cabe destacar que abordamos este tema enfatizando alguns aspectos econômicos do desenvolvimento da Colônia Silveira Martins, entre 1878 e 1925. Privilegiamos comparações entre as produções materiais desta Colônia com as da Colônia Caxias, por ser esta última a que apresentou melhor desempenho em seu desenvolvimento econômico.

A produção social do espaço regional, urbano e agrário, expressa o movimento geral do processo produtivo. No Rio Grande do Sul, as áreas de mata são integradas a outras instâncias sócio-econômicas a partir de 1875 com a colonização por imigrantes italianos<sup>2</sup>, e ao mesmo tempo, com a concretização da pequena produção agrícola mercantil, no intuito de produzir alimentos para o mercado nacional e de diversificar a economia gaúcha. Neste ano, funda-se, por iniciativa do Governo Imperial, as três primeiras Colônias italianas no Rio Grande do Sul: *Conde d'Eu* (hoje Município de Garibaldi), *Dona Isabel* (hoje Município de Bento Gonçalves) e *Caxias* (hoje Município de Caxias do Sul) a Nordeste da então Província gaúcha. É no processo de imigração e colonização que praticamente todas as Colônias e Núcleos de imigração italiana, lentamente, transformaram-se em Municípios e cidades, e contribuíram para a constituição do território gaúcho.

Nos Núcleos de colonização italiana, a propriedade privada familiar da terra, suporte da agricultura familiar, foi proporcionada pelo Governo Brasileiro, pois este concedia longos financiamentos aos colonos para pagar as terras adquiridas. É a terra configurada em mercadoria pela articulação Estado-capital.

É o Estado que propicia também as demais condições iniciais necessárias à instalação e reprodução do colonizador, e simultaneamente, de relações mercantis em um espaço até então ocupado de forma esparsa por alguns caboclos e indígenas. Dentre estas condições, encontram-se o alojamento temporário na Sede das Colônias, o transporte da Itália às Colônias no Brasil, e a medição dos lotes de terra. Terras de onde os colonizadores extraíam o sustento de suas famílias praticando a policultura, a criação de animais, e comercializando.

A *Colônia Silveira Martins* foi fundada em 1878, em plena Encosta do Planalto, porém, na porção central da Província. *Colônia* porque os imigrantes colonizaram aquele espaço ocupando as terras através dos lotes coloniais, que mediam em média 22 ha. E *Silveira Martins*, nome que perdura até hoje, foi em homenagem ao líder do Partido Liberal e anti-republicano gaúcho, Gaspar de Silveira Martins. Ora, por que esta

<sup>1</sup> Prof. Msc. no Departamento de Geografia da FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS DE FRANCISCO BELTRÃO (FACIBEL), de Francisco Beltrão, PR.

<sup>2</sup> Antes disso, deu-se a ocupação de algumas partes da base da Encosta do Planalto Rio-Grandense por imigrantes alemães, a partir de 1824, onde fundaram cidades como São Leopoldo, Santa Cruz do Sul, Novo Hamburgo, Lageado, etc.

Além disso, segundo Santin, o território da Colônia Silveira Martins era cercado por culturas estranhas aos italianos: "*A presença acentuada de elementos culturalmente estranhos fez com que rapidamente fosse rompida a homogeneidade cultural do italiano*" (p.70).

Para o autor, a integração do italiano com outras etnias, foi mais decisiva do que a fragmentação, no processo de enfraquecimento dos ideais de uma "Città-Nuova", que os italianos pretendiam formar na Sede da Colônia;

- O ensino pouco prático, ou seja, não voltado aos interesses da lavoura e dos agricultores, era praticamente inútil, segundo Santin;

- O declínio da fertilidade das terras e da produtividade que diminuiu a quantidade de produtos comerciáveis. Para o autor, "*precisava-se incentivar a organização de cooperativas e associações, capazes de garantir industrialização e comercialização. Isto não aconteceu*" (p.77).

Com isso, segundo Santin, a procura de terras novas e melhores foi geral. Logo, "*o comércio, alicerçado na economia rural, sofre uma dupla perda, a dos consumidores de seus produtos manufaturados, e a dos fornecedores de seus produtos de comercialização provenientes da lavoura*" (p.79).

- E por fim, este autor afirma que não houve modernização administrativa no setor industrial da Colônia: "(...) não se deu a travessia da administração familiar para a empresarial" (p.79). Faltou maior espírito inventivo, afirma o autor. Com a queda da agricultura, esta levou consigo comerciantes e industriais: "*faltou ao comerciante e ao industrial capacidade para se tornarem a espinha dorsal da economia da Colônia, substituindo a agricultura*" (Ibid, p.80).

Ora, deu-se realmente o período de auge e equiparação econômica da Colônia Silveira Martins em relação às demais, como afirma Santin (1986)? E posteriormente, no pós-30, a Colônia Silveira Martins chegou a viver um momento de decadência e estagnação?

Com certeza não poderemos responder a estas perguntas satisfatoriamente, porque envolvem todo o processo de produção social do espaço local articulado a outras instâncias. Por isso, procuramos descrever alguns daqueles que nos parecem ser indícios do ritmo lento de desenvolvimento econômico na Ex-Colônia Silveira Martins.

Apesar da abolição do subsídio que era fornecido pelo Governo Imperial até o Decreto de 20.12.1879, não cessou a vinda de italianos para a Colônia Silveira Martins<sup>4</sup>.

A partir de 1882 caracterizou-se a chamada "Imigração Espontânea" para àquela Colônia. Naquele período, como os lotes coloniais da Sede já estavam todos ocupados, e não havia mais terras devolutas contínuas à Sede, foram criados *Núcleos Interioranos*, onde os agrimensores mediam os lotes para a instalação dos recém chegados. Assim, praticamente fundou-se Dona Francisca em 15.08.1883, cujo nome é mantido até hoje como Município; o Núcleo Norte a 25.09.1883, hoje Município de Ivorá; e o Núcleo Arroio Grande também neste mesmo ano, hoje Distrito do Município de Santa Maria. No ano seguinte, a 01.06 é criado o Núcleo Soturno, hoje Município de Nova Palma. E por fim, em 1896 caracterizou-se a Sede do que hoje vem a ser o Município de Faxinal do Soturno.

<sup>4</sup> Conforme dados registrados no Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma, entre 1881 e 1888, chegaram à Colônia Silveira Martins 1.807 imigrantes, oficialmente.

quarta Colônia no interior do estado? Conforme depoimento do Pe. e microhistoriador Sponchiado<sup>3</sup>, o motivo principal foi o fato de que fazia-se necessário ocupar de forma efetiva aquela região central ainda praticamente desocupada. Era preciso espalhar o mais possível os imigrantes, o que favorecia o controle de uma área cada vez maior.

Na literatura referente ao desenvolvimento sócio-econômico das Colônias italianas no RS, várias obras são encontradas referindo-se à Caxias, Dona Isabel e Conde d'Eu. No entanto, sobre a Colônia Silveira Martins, destaca-se apenas o trabalho de Santin (1986). Em a *Imigração esquecida*, este autor afirma que a Colônia Silveira Martins viveu um período -1878 até fins da década de 30- onde sua economia equiparou-se a das Colônias Caxias, Bento Gonçalves e Garibaldi, e posteriormente, um período de estagnação:

"(...) antes de dobrar a primeira metade do século a caminhada diminui o ritmo. Acontece uma parada. Instala-se a estagnação. Processa-se um esvaziamento. Surge a decadência" (Ibid, p.50).

Santin (1986) aponta várias razões para aquilo que chama de estagnação e decadência da Colônia Silveira Martins:

- A falta de dirigentes competentes, quando da primeira tentativa de emancipação política da Colônia na última década do século passado;

- A divisão do território da Colônia em três partes: uma pertencente ao Município de Santa Maria, outra ao Município de Júlio de Castilhos, e outra, ao Município de Cachoeira do Sul:

"É verdade que a divisão do território, por mais que se queira minimizar suas conseqüências, ela acabou provocando uma desintegração do espírito gregário e associacionista" (Ibid, p.57).

Porém, acrescenta o autor, que as conseqüências desta fragmentação poderiam ter sido superadas, não fosse a falta de "idealismo e liderança à Sede de Silveira Martins" (p.58), e a rivalidade entre os diferentes grupos de imigrantes da Colônia:

- A existência na vida da Colônia, daquilo que chama de momentos turbulentos na questão religiosa local. Estes momentos, segundo este autor, também foram responsáveis pela desestabilização da unidade e pelo enfraquecimento da Colônia, e giraram em torno de dois conflitos principais: um entre os membros do Clero e os anticlericais; e outro entre os membros do Clero Secular e os da Ordem Palotina;

- A situação geográfica desfavorável da Colônia Silveira Martins, ou seja, enquanto as outras três Colônias tinham como ponto de referência Porto Alegre, Silveira Martins tinha Santa Maria:

"Tal fato deve ser significativamente diferenciante. Santa Maria não era um grande centro urbano, era uma pequena cidade que não oferecia grandes recursos, nem mesmo se constituía numa grande praça de consumo" (Ibid., p.68).

<sup>3</sup> O Pe. Luís Sponchiado trabalha no Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma/RS, desde 1956, quando foi nomeado Pároco daquele lugar. Neste Centro de Pesquisas que criou e coordena até hoje, Pe. Luís registra a genealogia das famílias italianas que foram instaladas na Colônia Silveira Martins, e guarda livros, passaportes, fotografias, e relatórios referentes à vida daquelas pessoas e daquela Colônia.

*Silveira Martins, que era um dos grande do Império, e a nossa Colônia (...) tinha pego justamente o nome dele (...)*".

A partir da tripartição da Colônia Silveira Martins, segundo Lorenzoni (1975), as localidades de Arroio Grande, Val de Serra, Val Feltrina, Val Veronese e a Sede - Silveira Martins -, foram anexadas ao território do Município de Santa Maria; o Ex-Núcleo Norte, hoje Município de Ivorá, e o Ex-Núcleo Soturno, hoje Município de Nova Palma, foram anexados ao território do Município de Júlio de Castilhos; enquanto que as localidades de Vale Vêneto, Ribeirão, Novo Treviso, Dona Francisca, e Faxinal do Soturno, foram anexadas ao território do Município de Cachoeira do Sul.

Com a Proclamação da República Federativa do Brasil em 1889, na política gaúcha, concretizou-se a substituição da *Aliança gasparista* pela *Aliança castilhista*. Segundo Pesavento (1985), após a crise no Governo estadual de 1891, com a reintegração de Júlio Prates de Castilhos ao poder, este buscou incrementar o processo de adesão dos colonos italianos à prática política vigente. Para tal, construíram a estrada de ferro que liga Porto Alegre a Caxias do Sul, e fizeram estudos para melhorar a navegação do Rio Cai, ambas, vias de escoamento da produção italiana das Ex-Colônias de Caxias, Conde d'Eu e Dona Isabel. Enquanto isto, nenhum Projeto ou construção referiu-se ou tocou no território da Ex-Colônia Silveira Martins.

Enquanto que as Ex-Colônias Caxias, Conde d'Eu e Dona Isabel, já emancipadas, mantiveram uma certa unidade territorial, com um poder central, a Ex-Colônia Silveira Martins fragmentava-se, diluía-se frente às forças externas que determinavam a re-produção de seu território. Segundo Sponchiado em entrevista, *"desde a tripartição, cada Núcleo passou a viver por si, dependendo da Sede e dos governantes dos Municípios a que pertenciam"*.

A união das poucas lideranças, as lutas e reivindicações agora se tornam muito mais difíceis para aqueles pequenos produtores praticamente abandonados pelos administradores do poder nos Municípios a que pertenciam.

O primeiro dos fragmentos da Colônia Silveira Martins que consegue se emancipar politicamente foi Faxinal do Soturno, a 12.02.1959; depois foi a vez do Núcleo Soturno, a 29.07.1960, hoje Município de Nova Palma; de Dona Francisca a 17.07.1965; da Ex-Sede da Colônia -Silveira Martins-, a 11.12.1987, praticamente um século depois da emancipação política de Caxias do Sul; e por fim, emancipa-se o Núcleo Norte a 09.05.1988, hoje Município de Ivorá. Para Sponchiado, estas emancipações tardias foram de suma importância para o lento desenvolvimento econômico da Ex-Colônia Silveira Martins, porque incentivaram as migrações.

De acordo com os entrevistados, até as emancipações, estas localidades da Colônia Silveira Martins sofreram o que pode-se denominar de abandono sócio-econômico: *"antes de se emancipá nós era abandonado. Até hoje a estrada de Júlio de Castilho não dá pra passá (...)"*.

Todos os entrevistados deixaram claro as dificuldades enfrentadas na circulação de mercadorias daquele período: *"(...) os transporte era difícil né (...)"*; *"(...) estrada com pura pedra, aberta a picão(...)"*; *"(...) as picadas, quando chovia não dava pra passá"*.

Segundo Sponchiado, as estradas da Colônia Silveira Martins sempre foram ruins devido ao relevo declivoso e a falta de recursos materiais:

Em 1882, segundo Isaia (1987), a Colônia já apresentava um crescimento substancial na área cultivada e conseqüente abundância de alimentos e perspectivas de progresso. Tudo indicava um próspero crescimento sócio-econômico na área ocupada devido ao incremento da produção agrícola e das atividades produtivas artesanais, como moinhos, serrarias e ferrarias.

Em cada Núcleo interiorano tudo acontecia em torno da Igreja ou das Capelas. A partir destas, é que se edificava a Sede dos mesmos. A presença destes ambientes construídos e do Padre em cada Núcleo de colonização era sinônimo de progresso para os colonizadores. A segunda construção feita, em importância, era a venda.

Em 1884, conforme Anuário da Província do Rio Grande do Sul (1884), já existiam na Sede da Colônia Silveira Martins 10 Casas de negócios, 04 Tavernas, 04 Sapatarias, 02 Padarias, 02 Hospedarias, 02 Carpintarias, 02 Cervejarias, 01 Açougue, 16 Moinhos e 08 Olarias.

Mas nem tudo era expressão do crescimento e sucesso. Desde sua extinção do regime de *Colônia Imperial* em 1882, parte do território da Colônia Silveira Martins passou a pertencer ao Município de Santa Maria. Extinção que também acontece com as Colônias italianas de Conde d'Eu, Dona Isabel e Caxias, em 1884.

Em Junho de 1890 a Ex-Colônia Caxias consegue sua emancipação política. É a primeira das quatro "velhas" Colônias italianas a emancipar-se, fato, que pode ter influenciado positivamente em seu desenvolvimento econômico.

Em 1890 ainda, porém no mês de Outubro, a Ex-Colônia Dona Isabel, hoje Bento Gonçalves, consegue sua emancipação política. A Ex-Colônia Conde d'Eu, hoje Garibaldi, só vem a emancipar-se politicamente em Outubro de 1900. Enquanto isso a Ex-Colônia Silveira Martins tinha suas tentativas emancipatórias frustradas. Entre os motivos, Santin (1986) destaca a falta de lideranças locais competentes; e Sponchiado em entrevista, os impecilhos impostos pelos poderes dos Municípios de Santa Maria, Júlio de Castilhos e Cachoeira do Sul.

Mas, por que estes três Municípios influenciaram nos rumos da vida dos indivíduos e do território da Colônia Silveira Martins? Isto ocorreu, principalmente, a partir de 1891, quando se criou o Município de Júlio de Castilhos em homenagem ao líder estadista e republicano de mesmo nome<sup>5</sup>. Para nós, é aí que se concretiza a tripartição, ou fragmentação político-econômica do território da Ex-Colônia Silveira Martins, sobretudo, por motivos externos. Sponchiado em depoimento às entrevistas destaca as lutas entre republicanos e liberais a nível estadual, ou, mais precisamente, entre Júlio Prates de Castilhos e Gaspar de Silveira Martins:

*"Júlio de Castilho era republicano, positivista, foi ele que escreveu a Constituição do RS em 1891, praticamente sozinho (...), e era inimigo de*

<sup>5</sup> Segundo Costa (1991), Júlio Prates de Castilhos, na certeza de que seria escolhido como primeiro Presidente republicano do estado do Rio Grande do Sul, teria influenciado o Vice-Governador em exercício, seu grande amigo, pedindo a emancipação política de sua terra natal. Assim, a 14.07.1891, mesmo dia em que foi promulgada a primeira Constituição do RS, é criado o Município de Villa Rica, hoje Município de Júlio de Castilhos. Este Município passou a partir de então, político-administrativamente, a controlar parte do território da Colônia Silveira Martins. Conforme este mesmo autor, Júlio Prates de Castilhos chegou a visitar sua terra natal e as terras que lhe pertenciam várias vezes, como em Abril de 1888, Agosto de 1889 e em 1898.

interioranos. A população das Ex-Colônias italianas conforme este Relatório, em 1885, era a seguinte:

Conde d'Eu	Dona Isabel	Caxias	Silveira Martins
6.783	14.300	13.818	5.318

A Colônia Silveira Martins também tinha população inferior às demais três Colônias italianas, segundo Sponchiado, porque o número de lotes coloniais nesta, era menor do que o de Caxias.

Carvalho (1886) também indica a necessidade de aperfeiçoamento no fabrico da farinha e do vinho, além da renovação periódica das sementes de trigo e de novas qualidades de vinhas para serem cultivadas. Fato que demonstra já naquele período preocupações em conservar, ou aumentar, a produção e a produtividade nas Colônias, garantindo assim, segundo esta mesma fonte, a continuidade do progresso das Colônias italianas.

Em 1914, apesar das migrações que já ocorriam na Colônia Silveira Martins, a situação econômica, principalmente a referente às produções artesanais da Sede, mantinha-se em ordem crescente, conforme nos relata Ancarani (1914):

Quadro 1

**Produção para venda das Ex-Colônias Imperiais de Imigração italiana no Rio Grande do Sul - 1884/1885.**

Produto\ Ex-colônia	Conde d'Eu	D. Isabel	Caxias	Silveira Martins
Trigo (sc)*	15.209	25.284	20.740	5.870
Centeio (sc)	25.680	24.221	10.820	768
Feijão (sc)	28.473	30.367	27.731	7.680
Milho (sc)	62.718	52.777	56.070	45.263
Cebvada (sc)	4.680	6.497	-	455
Arroz (sc)	647	755	-	6.992
Aveia	-	-	8.920	810
Fumo (kg)	-	-	-	2.236
Farinha	-	-	-	X**
Banha X	-	-	-	X
Toucinnho	X	X	-	-
Galinhas	X	X	-	-
Ovos	X	X	X	X
Manteiga	X	X	X	X
Salame	-	-	X	X
Presunto	X	X	X	X
Vinho (litros)	X	X	X	X
	2.935.200	4.880.640	3.005.760	264.960

\* 1 sc = 60 kg

\*\* Estes produtos foram apenas assinalados pelo autor, mas não foram quantificados.

Fonte: CARVALHO, Manoel de. *Relatório apresentado ao Governo Imperial, referente à inspeção feita nas Ex-colônias italianas do Rio Grande do sul, março de 1886.* Montagem do autor.

"As subidas da serra sempre foram difícil. Até hoje né. (...) A descida para nós, tinha os grandes atoleiros do Rio Soturno; A saída para baixo (em direção a Santa Maria<sup>6</sup>) era um verdadeiro inferno. (...) Quando chovia ficava tudo trancado. Não tinha recurso, não tinha máquinas, e quem fazia as estradas era o colono mesmo né".

A circulação de mercadorias era fortemente dificultada pela precariedade das estradas, e deve ter contribuído no pouco crescimento econômico daquele lugar.

Dentre os aspectos econômicos, destacamos agora o Relatório de Carvalho (1886), sintetizado no Quadro nº 01 da página seguinte.

Percebemos que a Colônia Silveira Martins é a que apresenta a maior diversidade de produtos destinados à venda, porém, na produção agrícola, Silveira Martins é a que apresenta as menores quantidades, à exceção do arroz, e do fumo que as demais Colônias não produziam.

Somando toda a produção agrícola de cada Colônia, notamos que a produção de Silveira Martins corresponde praticamente a metade da produção de Caxias, e a 40% da produção de Conde d'Eu e Dona Isabel.

Na produção de trigo, por exemplo, a diferença entre a produção da Colônia Silveira Martins e as demais é extremamente substancial. A produção de trigo em Silveira Martins, produto de grande importância para a economia das Colônias, correspondia a apenas 28,3% da produção caxiense em 1885.

Algo semelhante acontece na produção de vinho, produto de menor importância para a economia das Colônias naquele período. A produção vinícola na Colônia Caxias era 11,3 vezes maior do que a de Silveira Martins, ou, podemos dizer que a produção vinícola da Colônia Silveira Martins correspondia apenas a 8,8% da produção caxiense em 1885. A diferença neste caso é ainda maior.

Em geral, a Ex-Colônia Silveira Martins, no período 1884/1885, tinha uma produção bastante inferior às demais Colônias, como na produção de trigo, centeio, feijão, milho, cevada, aveia, e na produção de vinho, provando que não havia equiparação econômica entre as quatro Colônias italianas imperiais, pelo menos neste período.

É bem verdade que enquanto a Sede da Ex-Colônia Silveira Martins vivia seu 7º ano de vida e os Núcleos interioranos uma média de 02 anos em 1885, as demais Ex-Colônias já viviam seu 10º ano de ocupação. Porém, acreditamos que este fato não desmerece nem desqualifica nossa descrição.

Segundo Carvalho (1886) ainda, apesar de ser menos extensa e populosa, a Ex-Colônia Silveira Martins acompanha as outras no seu progresso (sic). Seu território apresentava, além das praticamente intransitáveis, estradas mal conservadas como a que ligava a Sede à cidade de Santa Maria, onde se vendia a maior parte da produção colonial. Uma pequena parcela da produção agrícola e artesanal da Colônia Silveira Martins era vendida em Porto Alegre, e era transportada por via férrea.

O relato de Carvalho também comenta que a Colônia Silveira Martins limitava-se com terras particulares ao Norte, Sul e Oeste, além de trechos em seu interior, também de particulares, impedindo a plena união da Colônia, ou seja, da Sede com os Núcleos

<sup>6</sup> Esclarecimento acrescido pelo autor.

Muitas cidades do Rio Grande do Sul e do Brasil nasceram e se desenvolveram com a participação de bens e capitais produzidos no espaço agrário, transferidos para as cidades através da dinâmica de mercado. A exemplo, não de nascimento, mas de fortalecimento, sobretudo do setor comercial, podemos citar, segundo Rocha (1993), a drenagem da renda fundiária concretizada pelos agentes do espaço urbano santamariense. Esta drenagem pode ter prejudicado o maior crescimento das pequenas cidades que se formaram a partir dos Núcleos que constituíram o primitivo território da Colônia Silveira Martins.

A cidade de Santa Maria primeiramente atraía os investimentos dos colonos italianos por ser ponto estratégico militar. Porém, a partir do início deste século Santa Maria se torna importante centro ferroviário<sup>12</sup>, contribuindo na distribuição da produção agropecuária regional.

Segundo Rocha (1993), com o entroncamento ferroviário, surgem na cidade de Santa Maria inúmeras casas comerciais, hotéis de luxo, frigoríficos, depósitos de produtos agrícolas e pastoris, e, cresce substancialmente a população da cidade: dos 3 mil em 1894 passa para 15 mil em 1904. Neste mesmo período, a quantidade de edificações urbanas passa de 400 para 1500. Provavelmente, muitas eram de propriedade dos italianos de Silveira Martins: "*Grande parte das casas comerciais do comércio tradicional de Santa Maria tem suas raízes e começos, em certos casos de grande esplendor, nos pequenos Núcleos de imigração italiana*" (Santin, 1986, p.69).

Hoje, boa parte das casas comerciais daquela cidade pertencem aos descendentes de imigrantes italianos<sup>13</sup>.

Outros dados nos são apresentados por Truda (1925). Em 1923, segundo este autor, a Ex-Colônia Dona Isabel contava com um total de 226 fábricas com operários; Caxias com 1.749 fábricas; e Conde d'Eu com 182 fábricas. Apesar de não abordar a Ex-Colônia Silveira Martins, com base nos dados apresentados no Quadro nº 01 e nas

(alfaiate): Prestefelipe; Mastracuzzi; Votto (sapateiro); Callage (alfaiate); Sfoggia; Irmãos Vallandro (carpintaria e fábrica de carros); Gambaro; e Rizzardi.

**Construtores:** Da Corso; Grassi; Scangarelli; Mussoi; Cassel; e Cattaneo.

**Hotéis e restaurantes:** Fitipaldi e Schettini; Saccol; Agostini e Irmãos; e Coderini.

<sup>12</sup> A ferrovia Porto Alegre-Uruguaiana atingiu a estação Camobi nas proximidades da cidade de Santa Maria já em 1885, e o entroncamento ferroviário referido concretiza-se até o final do século com o direcionamento da linha férrea para a cidade de Júlio de Castilhos, não passando pela Sede da Colônia Silveira Martins, como propuzera a Lei de nº 1832 sancionada a 28.06.1889. É importante salientar que neste período o Presidente da Província do RS era exatamente Gaspar de Silveira Martins, exilado no Uruguai depois da Proclamação da República. Este pode ter sido um forte motivo para a não realização da ferrovia passando pela Sede da Colônia, pois com a República, quem assume a Presidência da Província gaúcha é Júlio de Castilhos, adversário ferrenho de Gaspar de Silveira Martins, como já nos referimos.

<sup>13</sup> Juntamente com o microhistoriador Sponchiado, grande conhecedor da genealogia dos italianos de Silveira Martins, conseguimos identificar alguns estabelecimentos comerciais e industriais que ainda pertencem aos descendentes dos italianos na cidade de Santa Maria: Beltrame Santo & Cia Ltda; Albino Pozzobon e Cia Ltda; Barichello e filhos Materiais de Construção; Berleze Primo & Cia Ltda; Cassol & Cia Ltda; Denardin Corrieri e Cia Ltda; Supermercado Copetti; Gabbi Comércio Chocolates e Doces Ltda; Guerra Comércio de areia e brita; Masiero Tintas; Antoniazzi e Cia Ltda; Supermercado Carlesso; Supermercado Feltrin; Supermercado Noal; Transportadora Trevisan Ltda; Zanini Argamassa; Bolzan Construções e Incorporações Ltda; etc.

**Núcleo Norte.** situado a 16 Km da Sede Silveira Martins, possuía boas casas de negócios e 270 famílias que cultivavam fumo, milho e trigo especial em grande quantidade<sup>7</sup>;

**Dona Francisca.** situada a 36 Km da Sede, era formada por mais de 200 famílias italianas que cultivavam fumo em folha em grande quantidade, feijão, arroz, milho, alfafa e vinho;

**Geringonza**<sup>8</sup>, situada a 36 Km da Sede, possuía quase 200 famílias italianas que cultivavam fumo em folha de primeira qualidade, milho, feijão e vinho, e criavam gado e suínos;

**Núcleo Soturno.** distante 39 Km da Sede, formado por mais de 250 famílias italianas, possuía boas casas de negócios, o cultivo do milho, alfafa, fumo, vinho, e a produção de carne suína;

**Silveira Martins.** Sede da Colônia, onde havia quase 4.000 pessoas; 24 Casas de negócios; 02 Hotéis de primeira ordem; 05 Oficinas de sapateiros; 06 Restaurantes; 01 Açougue; 01 Fábrica de fumos; 03 Alfaiatarias; 05 Ferrarias; 01 Marcenaria; 03 Carpintarias; 02 Selarias; 01 Curtume; 01 Funilaria; 02 Fábricas de objetos de vime; 01 Cervejaria; 04 Fábricas de vassouras; 04 Fábricas de chapéus de palha; 01 Fábrica de louça de barro; 06 Alambiques de aguardente; 01 Serraria a vapor; 03 Engenhos de cachaça; 08 Moinhos a água e a vapor para beneficiar a farinha; 02 Olarias; 155 carroças de 4 rodas e 33 carroças de 2 rodas<sup>9</sup>.

Sobre a comercialização neste período, "*os produtos de toda essa região são transportados em carretas a 07 cavalos para as estações de Colônia (hoje Camobi, nas proximidades da cidade de Santa Maria)*"<sup>10</sup>. Val de Serra, Arroio do Sô e Santa Maria" (Ancarani, 1914).

Os colonizadores vendiam os produtos coloniais e adquiriam, "*artigos em secos e molhados, importados, em sua maior parte, pelo comércio de Porto Alegre*" (Ibid.).

Outra importante informação fornecida por Ancarani (1914) é o fato de, desde 1876, portanto, desde antes da fundação oficial da Colônia Silveira Martins, alguns industriais, negociantes e construtores italianos irem se estabelecendo na cidade de Santa Maria, cooperando para o progresso daquele espaço urbano desenvolvendo suas atividades econômicas, e ao mesmo tempo, para o não progresso econômico da Colônia Silveira Martins<sup>11</sup>.

<sup>7</sup> Cabe destacar que o autor não quantifica a produção agrícola.

<sup>8</sup> Geringonza não foi tido como um dos Núcleos interioranos da Colônia Silveira Martins, mas foi mencionado por Ancarani, certamente, pelo vulto que tomou sua formação a partir dos lotes coloniais medidos no Núcleo Soturno. São os colonizadores de Geringonza que adquirem as terras e caracterizam a partir de meados da última década do século passado a axial do Soturno, por nós considerado por isso, um dos Núcleos interioranos da Colônia Silveira Martins.

<sup>9</sup> Cabe salientar que o autor não descreveu a produção agrícola referente a Sede da Colônia.

<sup>10</sup> Esclarecimento acrescido pelo autor.

<sup>11</sup> Eis os sobrenomes dos empreendedores citados por Ancarani: **Negociantes:** Marsiaj; Tófoli Culau; Agostini; Mongrandi; Bertóia; Dalcol; Grassi; Moroni; Micheloni; Grinaldi; Germani; Lanesi; Saccol; Segalla; Coluzzi; Emanuelli; Stangherlini; Bolzon; Begnis; Rotta; Fiori; e Toaldo.

**Industrialistas:** Tófoli Culau & Cia; Irmãos Moro; Pelegrini (fábrica de velas, sabão, sabonete e perfumaria barata); Tombesi; Casagrandi (carpinteiro e marceneiro); Dânia (alfaiate); Cauduro; Fitipaldi

**Produção agrícola, artesanal e estabelecimentos secundários diversos das Ex-Colônias italianas no Rio Grande do Sul em 1925**

Produtos	Conde d'Eu	D. Isabel	Caxias	S. Martins
Vinho (l)	250.000	3.500.000	20.000.000	x*
Milho (sc)**	x	100.000	50.000	x
Arroz (sc)	-	1.000	17	x
Aveia (sc)	-	2.000	1.667	-
Centeio (sc)	x	2.000	67	-
Cevada (sc)	-	-	134	-
Feijão (sc)	x	60.000	3.334	x
Fumo (Kg)	-	-	2.000	x
Trigo (sc)	-	40.000	-	x
Cana-de-açúcar	-	x	-	x
Batata	x	-	-	x
Mandioca	x	-	-	x
Açougues	-	-	-	2
Restaurantes	6	x	x	3
Ag. Automóveis	1	1	1	-
Bancos	3	5	7	2
Casas Comerciais	90	100	235	x
Carpintarias	6	36	28	3
Marcenarias	13	12	-	2
Selarias	-	12	-	1
Alambiques	123	199	334	x
Alfaiatarias	12	13	29	3
Serrarias	-	-	-	1
Moinhos	-	-	x	x
Oficina fábri	24	-	36	-
Of. De calçados	x	14	25	3
Fáb. cigarros	-	-	-	1
Fáb. De ficas	4	-	-	-
Fáb. De louças	2	-	-	1
Fáb. De tijolos	3	4	-	1
Fáb. pólvora	-	1	-	-
Fáb. veiculos	-	-	8	-
F. metalurgica	-	-	4	-
Fáb. chapéus	4	1	5	-
Fáb. salame	3	8	7	-
F. óleo linho	-	-	1	-
F. vassouras	-	-	5	-
Fáb. sabão	2	2	3	-
Fáb. gazosa	3	7	8	-
F. objetos de vime	-	-	3	-
Fáb. sapatos	-	-	1	-
Fáb. queijos	-	-	4	-

\* Estes produtos assinalados foram apenas citados pelos autores, sem quantificação. \*\* 1 sc = 60 kg.

informações orais transmitidas pelo Pe. Sponchiado, podemos afirmar que esta contava por volta de 1923, com aproximadamente 60<sup>14</sup> fábricas semelhantes às referidas por Truda.

Conseguimos constatar a supremacia caxiense neste setor em relação às demais Ex-Colônias no início da década de 20. Com relação à Silveira Martins, Caxias apresentava 35 vezes mais fábricas com *operai*, ou, em outras palavras, podemos dizer que a quantidade destas fábricas de Silveira Martins correspondia apenas a 2.85% do total das fábricas caxienses registradas em 1923.

Algo semelhante podemos observar a partir dos dados relacionados no Quadro nº 02<sup>15</sup>.

Referindo-se à produção agrícola, Pe. Bombassaro e Crocetta apenas citam os principais produtos. Já os demais dados apresentados pelo Pe. Bombassaro e pelo Comitato locale per il Cinquantenario della Colonizzazione italiana, referem-se apenas à Sede da Colônia Silveira Martins e ao Núcleo Arroio Grande. Os dados referentes à produção agrícola, artesanal e demais estabelecimentos dos demais Núcleos como Nova Palma, Faxinal do Soturno, Ivorã e Dona Francisca, simplesmente não conseguimos localizar. O que fizemos foi confirmar a existência dos produtos citados através das entrevistas feitas com pessoas de idade avançada que conheciam a realidade daquela época, e através de dados esparsos coletados e guardados pelo Pe. Sponchiado no Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma/RS.

Quanto a produção das Ex-Colônias italianas no Rio Grande do Sul em 1925, e suas demais atividades econômicas, a grosso modo, tudo indica que devia haver mais uma vez um distanciamento de Caxias em relação às demais no que tange à produção artesanal, e às atividades comerciais e financeiras, sobretudo, em relação a Silveira Martins. No dizer de Sponchiado, "já em 1895 (...) o pessoal começou a sair. (...) Em vez de empregar o capital aqui e ali na indústria, eles migram. (...) Em 1925 a 4ª Colônia já tava quase vazia, e a produção era bem menor que a de Caxias. Caxias já tava disparada".

Com relação à produção artesanal da Ex-Colônia Silveira Martins, constatamos através das entrevistas que apesar da diversidade das atividades produtivas na década de 20, não houve sequer destaques à nível regional. As atividades artesanais e as casas de negócio distribuíam-se por todos os Núcleos interioranos, porém, parece-nos que na

**Quadro 2**

<sup>14</sup> Segundo Sponchiado, na primeira metade da década de 20, existiam aproximadamente 240 pequenas fábricas em toda Colônia Silveira Martins, principalmente olarias, moinhos, serrarias e fábricas de móveis, ferrarias e alambiques. Conforme esta mesma fonte, nesta Colônia, não existia trabalho assalariado naquele período. Existiam sim, os chamados aprendizes: "Eles botavam as pessoas da família pra trabalhá. (...) Do total, uns 25% devia ter aqueles aprendizes, como diziam naquela época", afirmou-nos Sponchiado em entrevista. Ou seja, cerca de 60 daquelas pequenas fábricas possuíam aprendizes, e são estas que comparamos com os dados de Truda (1925).

<sup>15</sup> Apesar da não quantificação de todos os dados referentes à produção da Colônia Silveira Martins e de Conde d'Eu, citamos este Quadro para resgatar os poucos dados que existem.

casas comerciais da cidade de Júlio de Castilhos pertenciam aos italianos provenientes da Colônia Silveira Martins. Isaia (1987), por sua vez, afirma que até 1930, a Colônia Silveira Martins viu reemigrar de suas terras para outras do RS, SC, e PR, uma quantidade de colonos italianos e descendentes não inferior aos reemigrados das Ex-Colônias de Caxias, Bento Gonçalves e Garibaldi juntas.

No Núcleo Soturno, por exemplo, hoje Nova Palma, a migração teve a seguinte evolução, até 1930:

Anos*	1895	1900	1910	1918	1920	1930
quantidade de famílias	05	20	25	30	40	50

\* Estes são os anos de maior fluxo, o que não implica dizer que entre eles não tenha ocorrido migração. Fonte: Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma/RS. Montagem do autor.

Percebemos por estes dados referidos, um aumento constante na migração dos habitantes de Nova Palma, passando de 05 famílias em 1895 para aproximadamente 50 em 1930. E esse aumento gradativo, segundo Sponchiado, aconteceu em todo território da Colônia Silveira Martins<sup>16</sup>.

Em meio aos sintomas da crise, os colonos desta Colônia foram atingidos pelas notícias de terras mais planas e férteis. Assim, lentamente expandia-se a "fronteira agrícola" para os solos localizados a Noroeste do estado gaúcho e para o Sudoeste e o Oeste paranaense, e, para as terras, mesmo que onduladas, do Oeste catarinense. Quem conhece a vastidão das terras do Planalto Rio-grandense e das terras do Sudoeste e do Oeste paranaense, facilmente comprova e ratifica a decisão daquelas famílias que deixaram em Silveira Martins história e estórias, casas e casarões vazios e esquecidos no meio da Escarpa do Planalto.

Quando os colonizadores e seus descendentes decidiram migrar deixando para trás a encosta do Planalto, a Colônia Silveira Martins não perdeu apenas alguns habitantes, mas sim agentes sociais, homens, trabalhadores agrícolas, comerciantes e artesãos produtores de riqueza. Com eles levam os capitais familiares até então acumulados para ser reinvestido em outros lugares, em detrimento do fortalecimento da economia local.

Segundo os dados registrados no Centro de Pesquisas Genealógicas de Nova Palma pelo Pe. Sponchiado, a partir de 1930, em continuação ao processo migratório, acentua-se a quantidade de famílias que deixam a Colônia Silveira Martins para investir seus ganhos em outras cidades e lugares do RS e do Brasil. Somente do Ex-Núcleo Soturno, conforme esta mesma fonte, por volta de 1945, 80 famílias migram para os Estados de SC e PR<sup>17</sup>. Com a diminuição da população e ao mesmo tempo dos

<sup>16</sup> Segundo Sponchiado, os principais lugares de destino dos migrantes neste período foram Tapera, Santa Rosa, Santo Ângelo, Erechim, Palmeira das Missões, Herval Sêco e Frederico Westphalen, todos no Noroeste do RS.

<sup>17</sup> Juntamente com Sponchiado, entre os que migraram e investiram amplamente em outros lugares entre 1895 e 1945, conseguimos identificar algumas famílias: Rubin (compraram grandes extensões de terra em Pinhal Grande/RS); Pigatto, Fontana, Trevisan, Ceolin, Decian, Soldera, Prevedello e Rossato (compraram grandes extensões de terras); Zasso, Cassol, Battistella, Copetti, Cantarelli, Beltrame, Librelotto, Barchet, Zanon, Sponchiado, e Antoniazzi (investiram no comércio em Santa Maria, Porto Alegre, Erechim e Júlio

Obs.: o quadro 2, na página anterior, tem como fonte: CROSETTA, Benvenuto. I municipi dello Stato e le industrie ed i commerci degli italiani e loro discendenti. IN: *Cinquantenario della Colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud (1875-1925) - La cooperazione degli italiani al progresso civile ed economico del Rio Grande del Sud*. Porto Alegre, Globo, 1925; BOMBASSARO, Pe. Antonio. Ex-Colônia Silveira Martins. IN: *Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sul (1875-1925)*, Cura del sotto - Comitato locale per il Cinquantenario della Colonizzazione italiana. Colonia Arroio Grande (Município di Santa Maria). IN: *Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sul (1875-1925)*, Montagem do autor.

Colônia Silveira Martins prevalecia a diversidade de pequenos empreendimentos em detrimento de investimentos concentrados ou de maior vulto.

A partir das mesmas fontes referidas no Quadro anterior, em 1925, percebemos também o distanciamento populacional da Ex-Colônia Caxias em relação às demais, sobretudo, mais uma vez, em relação à Ex-Colônia Silveira Martins:

Conde d'Eu	Dona Isabel	Caxias	Silv. Martins*
18.000	21.465	28.000	12.000

\* Este dado, agora, corresponde à soma aproximada de todos os Núcleos que formavam a Ex-Colônia Silveira Martins.

Segundo *il Comitato locale per il Cinquantenario della Colonizzazione italiana* (1925), neste período, a Ex-Colônia Silveira Martins atingiu um progresso brilhante (sic). Esta comissão comenta que o cultivo dos parreirais com melhores métodos, produz exuberantemente e de várias qualidades (sic). Entretanto, em geral, a tecnologia empregada naquele período era primitiva, sem melhorias técnicas, afirmou Sponchiado em entrevista.

As afirmações referentes ao progresso brilhante da Colônia, feitas pela Comissão acima referida, parecem não condizer com o desenvolvimento de Silveira Martins na década de 20, pois esta, pelo que podemos constatar até agora, estava mais atrasada economicamente do que as outras três Colônias italianas. No Ex-Núcleo Soturno, por exemplo, segundo Sponchiado em depoimento oral, os estabelecimentos voltados à produção de vinho nunca se destacaram, muito menos se uniram para caminhar neste sentido.

Parece-nos que na década de 20, a Colônia Silveira Martins já sentia os sintomas da diminuição das atividades produtivas. A Sede desta, já apresentava indícios de um menor ritmo de desenvolvimento. Nesta mesma década, em toda Colônia, segundo Sponchiado, não existia nenhuma fábrica de maior vulto. Somente na década de 30 é que se destaca a fábrica das *Trilhadeiras Tigre* localizada em Faxinal do Soturno, que por sinal faliu em 1939.

Ao mesmo tempo, ocorriam as migrações, por exemplo, segundo Costa (1991), as migrações já aconteciam antes de 1930. Para este autor, em 1923, grande parte das

produtores, diminui a quantidade produzida e a circulação de mercadorias no território da Colônia.

Apesar das mudanças que se efetivavam em diferentes lugares do país, os produtores da Colônia Silveira Martins não conseguem acompanhar as novas exigências do "modelo de industrialização". É uma desarticulação que parece não ter sido superada até a concretização das emancipações políticas dos Núcleos que constituíam esta Colônia.

Um exemplo de concretização do processo de industrialização articulado a outras instâncias político-econômicas é o caso da Colônia Caxias, que já vimos comentando sucinta e propositadamente. Segundo Giron (1977), com base nos dados dos recenseamentos municipais, sucintamente, é o seguinte o aumento do número de estabelecimentos de Caxias do Sul.

Quadro 3

	1890	1899	1910	1925	1950	1975
Indústrias	120	204	235	280	413	1.443
Casas de Comércio	38	168	186	235	450	1.671
População	10.000	16.000	18.000	32.000	54.000	180.000

Dados que são demonstrativos, certamente, de um crescimento econômico na área. Conforme estes dados, entre 1890 e 1925, dá-se um aumento substancial nos estabelecimentos industriais e comerciais de Caxias, o que não acontece com a Sede da Colônia Silveira Martins, como mostraremos a seguir.

Comparando os dados referentes às produções artesanais da Sede da Ex-Colônia Silveira Martins apresentados pelo Anuário (1884), por Ancarani (1914), Bombassaro (1925) e pela Comissão local do Cinquentenário (1925), resumidos no Quadro nº 04, temos a seguinte situação:

Em primeiro lugar, percebemos que dos 18 tipos de produções artesanais relacionadas por Ancarani (1914), apenas 06 existiam já em 1884. Comparando os dados de 1884 com os dados de 1925, notamos que das 06 atividades artesanais que existiam na Sede da Colônia Silveira Martins em 1884, somente as Carpintarias aumentam em quantidade de estabelecimentos; 03 diminuem: as Sapatarias, os Moinhos, e as Olarias; e 02 desaparecem: as Padarias e as Cervejarias.

Em segundo lugar, podemos dizer que das 18 produções artesanais relacionadas por Ancarani (1914), comparadas aos dados apresentados em 1925, percebemos que apenas 01 aumentou em quantidade: Marcenarias; 07 mantiveram-se na mesma quantidade: a Fábrica cigarros, as Alfaiatarias, as Serrarias, as Carpintarias, a Fábrica de louças, os Alambiques e os Moinhos; 06 desaparecem, como o Curtume, a Funilaria, a

---

de Castilhos); Binotto, De David, e Moro (investiram na fabricação de Móveis); Gazzapina (fábrica de cerveja em Uruguaiana); Guerra (produção de telhas); Berleze (beneficiamento de Arroz); Antoniazzi (moinho); entre outras.

Fábrica de objetos de vime, a Cervejaria, as Fábricas de vassouras e as Fábricas de chapéus de palha; e 04 diminuíram na quantidade de estabelecimentos: as Sapatarias diminuem em quase 50%; as Ferrarias diminuem em 60%; e as Selarias e Olarias em 50%. São indícios claros da diminuição das atividades produtivas na Colônia Silveira Martins.

Quadro 4

**"Evolução" comercial e artesanal da Sede da Colônia Silveira Martins.**

Estabelecimentos	1884	1914	1925
Casas comerciais	10	24	x
Hotéis 1ª. Ordem	02	02	01
Açougues	01	01	02
Restaurantes	04	06	03
Sapatarias	04	05	03
Fáb. De cigarros	-	01	01
Alfaiatarias	-	03	03
Ferrarias	x	05	02
Marcenarias	-	01	02
Carpintarias	02	03	03
Selarias	-	02	01
Curtumes	-	01	-
Fumilarias	-	01	-
Fáb. Objetos de vime	-	02	-
Cervejarias	02	01	-
Fáb. De vassouras	-	04	-
Fáb. De chapéus	-	04	-
Fáb. De louças	-	01	01
Alambiques	x	09	x
Serrarias	-	01	01
Padarias	02	-	-
Moinhos	16	08	x
Olarias	08	02	01
Bancos	-	-	02

\* Montagem do autor.

Referente aos estabelecimentos comerciais relacionados, notamos que o nº de Bancos passa de zero em 1884 e 1914 para 02 em 1925, e os Açougues dobram na quantidade de estabelecimentos; mas verificamos também que os 06 Restaurantes que existiam em 1914 passam para 03 em 1925; e que os 02 Hotéis em 1914 passam para 01 em 1925.

E em terceiro lugar, podemos dizer que do total de 24 estabelecimentos relacionados entre 1884, 1914 e 1925, constatamos que apenas 03 crescem em

quantidade, 07 mantêm-se praticamente na mesma quantidade, e 14 diminuem ou desaparecem, sendo a maioria destes, atividades artesanais.

Em termos gerais, o desenvolvimento "industrial" e/ou artesanal da Sede da Ex-Colônia Silveira Martins teve um crescimento de 1884 para 1914, mas diminui entre 1914 e 1925. Em 30 anos (1884-1914), a quantidade de estabelecimentos artesanais da Sede da Colônia Silveira Martins cresce cerca de 58%, porém, em 11 anos apenas (1914-1925), diminui aproximadamente 68%.

E, conforme os depoimentos de Sponchiado e demais pessoas de idade avançada que entrevistamos, é bem provável que esta diminuição tenha atingido a todos Núcleos interioranos desta Colônia, onde, não se reinvestiu na melhoria das forças produtivas; Não se diversificou a economia local frente às mudanças da economia nacional; Não se absorveu o que acontecia em outros lugares em termos de desenvolvimento tecnológico. As atividades artesanais voltadas às necessidades locais, como as ferrarias, serrarias, moinhos, selarias, cervejarias e alambiques, não foram modernizadas.

Um dos entrevistados nos relatou, referindo-se à vida diária durante a década de 30 no Núcleo Soturno: "(...) naquela época não existia o espírito capitalista, a busca do lucro. Se produzia pra viver".

E assim este produtor e sua família vivem até hoje, com relações de trabalho familiar.

No pós-45, na medida em que afirmava-se a industrialização em alguns lugares do país e do RS, como em Caxias do Sul, por exemplo, as atividades artesanais da Ex-Colônia Silveira Martins desapareciam por falência<sup>18</sup> ou reemigração, como já nos referimos. Sem modernização, os moinhos movidos a água deixaram de funcionar, sem serem substituídos por algo mais novo; parte dos parreirais foram abandonados, basta dizer que atualmente, muitos dos pequenos produtores de vinho "importam" uva de Caxias do Sul; etc.

Neste período, no Rio Grande do Sul, acentuam-se as diferenciações sócio-espaciais. Neste processo, é provável que as articulações vividas pelos agentes da Colônia Silveira Martins tenham ocorrido em intensidade menor do que as feitas pelos da Colônia Caxias, contribuindo no distanciamento sócio-econômico entre uma e outra. As articulações materializaram-se em re-articulações incessantes, incrementando as áreas de maior crescimento em detrimento das de menor dinamismo sócio-econômico. E, um elemento decisivo neste processo foi a participação do Estado, direcionando os investimentos e atividades produtivas.

Enquanto Caxias já era Município desde 1890, e seus agentes produtivos contavam com os benefícios da concorrência e da infraestrutura já efetivada pela colonização alemã proximamente localizada, vitais para a concretização de seu processo de industrialização, Silveira Martins vivia abandonada pelo Governo Estadual; Enquanto que Caxias contava desde 1928, 1937 e 1940, respectivamente, com uma

<sup>18</sup> Entre as que faliram em torno de 1940 no Ex-Núcleo Soturno, podemos citar as seguintes, que conseguimos nominar: Marcenaria Piovesan; Fábrica de Cervejas Librelotto; Fábrica de cerveja e gazosa Wendt; Fábrica de refrigerantes Trebien; Comercial Aléssio; Fábrica de cerveja e gazosa de Pesamosca & Irmãos; Moinho Boezzio; Ferraria Bertoldo; Oficina Prendin; Moinho Bellé; Cooperativa e Cantina Trentin; entre outras.

*Estação Experimental de viticultura e Enologia, com uma Associação dos cultivadores de viníferas, e com um Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial*<sup>19</sup>, criados pelas Secretarias da Agricultura e da Indústria do Estado do RS, a Ex-Colônia Silveira Martins amargurava o abandono a que era submetida pelo poder público.

Enfim, com base nos dados e informações aqui expostos, constatamos que a Colônia Silveira Martins sempre teve um crescimento econômico menor do que a Colônia Caxias no período estudado. Mesmo depois das emancipações dos fragmentos de Silveira Martins, tudo leva a crer que o ritmo de desenvolvimento tenha sido muito lento. Enquanto que o território derivado desta Colônia caminha lentamente desde por volta de 1925, a economia Caxiense vive, atualmente, um momento de alto grau de industrialização<sup>20</sup>.

Sobre a *estagnação* defendida por Santin (1986), podemos adiantar que, se há crescimento em atividades como a Fábrica de Massas Alimentícias Nova Palma Ltda e a expansão do MPC no espaço agrário local através da Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma Ltda, bem como o incremento do patrimônio destas empresas, como mostramos em Saquet (1996), é sinal de que não existe estagnação naquele lugar, pelo menos de forma geral. O que se dá, é um desenvolvimento desigual entre as atividades produtivas.

O ritmo lento de desenvolvimento econômico na Colônia Silveira Martins foi caracterizado, principalmente, pela transferência de valor para outros lugares. Valores humanos e materiais, concomitantemente. Valor criado pela força de trabalho dos colonizadores e descendentes e transferido a outros setores e lugares, provavelmente, tanto através da comercialização do resultado da produção agrícola e artesanal, quanto através da reemigração daqueles produtores com o trabalho familiar acumulado.

E é devido a este processo de desenvolvimento sócio-econômico que naquela Colônia hoje ainda mantêm-se praticamente a mesma estrutura fundiária; as cidades pequenas; o predomínio da população residindo no espaço agrário; e estradas sem pavimentação. Muitos dos que ficaram amarguram o baixo grau de desenvolvimento, e se mantêm como pequenos comerciantes, pequenos fabricantes de móveis e artefatos de madeira, ferreiros, moinheiros, pequenos produtores agrários de vinho, oleiros, agricultores, etc.

Ora, por que não houve uma reinversão do capital familiar produzido nas próprias atividades produtivas da Colônia Silveira Martins? A re-produção da agricultura familiar praticada entre 1878 e 1945 exigia a acumulação do capital familiar e sua reinversão na própria agricultura? Por que os produtores imediatos não conseguiram absorver as evoluções técnico-científicas que ocorriam em outros lugares?

<sup>19</sup> Segundo Antunes (1950), respectivamente, eram as seguintes as finalidades destas três instituições: Aprimorar e desenvolver o cultivo da videira no RS; Fomentar a produção de uvas finas; e "(...) proporcionar aos interessados e à juventude caxiense os meios adiantados de aprender e cultivar a prática industrial, juntamente com a cultura, (...)" (p.102).

<sup>20</sup> Atualmente Caxias do Sul forma juntamente com Porto Alegre, Novo Hamburgo, Canoas e São Leopoldo o maior eixo de processamento industrial do Rio Grande do Sul.

São perguntas que, quem sabe, problematizarão nossas futuras pesquisas relativas à temática abordada neste texto.

### Referencias Bibliográficas

- ANCARANI, Cav. Umberto. *Monografia sobre a origem da Ex-Colônia italiana de Silveira Martins - 1877/1914*. Santa Maria, *Revista do Centenário de Santa Maria* - Comissão Organizadora, 1914. (sem numeração de páginas).
- ANTUNES, Duminiense. *Documento histórico do Município de Caxias do Sul (1875-1950) - Comemorativo do 75º aniversário da colonização*. Escrito, publicado e organizado por Duminiense Antunes. Caxias do Sul: Pref. Municipal, 1950.
- BOMBASSARO, Pe. Antonio. *Ex-Colônia Silveira Martins*. IN: *Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud (1875-1925) - La cooperazione degli italiani al progresso civile ed economico del Rio Grande del Sud*. Porto Alegre: Globo, 1925. p.328-334.
- COMITATO LOCALE PER IL CINQUANTENARIO DELLA COLONIZZAZIONE ITALIANA. *Colônia Arroio Grande (Município di Santa Maria)*. IN: *Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud (1875-1925)*, p.335-337.
- COSTA, Firmino. *Terra de Vila Rica - Contribuição ao estudo da História do Município de Júlio de Castilhos*. Júlio de Castilhos: Pref. Municipal, 1991.
- CROCETTA, Benvenuto. *I municipi dello Stato e le industrie ed i commerci degli italiani e loro discendenti*. IN: *Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud (1875-1925)*. p. 01-164.
- GIRON, Lorraine. *Caxias do Sul: evolução histórica*. Caxias do Sul: Pref. Municipal/UCS, Porto Alegre/EST, 1977.
- ISAIA, Antonio. *Os sonhos de emancipação e suas frustrações na História de Silveira Martins*. *Jornal A Razão*. Santa Maria, 14.04.1987.
- LORENZONI, Júlio. *Memórias de um imigrante italiano*. Porto Alegre: Sulina, 1975.
- PESAVENTO, Sandra J. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- ROCHA, Lilian. *O papel de Santa Maria como centro de drenagem da renda fundiária*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1993.
- SANTIN, Silvino. *A imigração esquecida*. Porto Alegre: EST, 1986.
- SAQUET, Marcos A. *O diabo na Ex-4ª Colônia*. *Revista Perspectiva*, ano 17 - nº 58. Erechim: URI, 1993. p.47-62.
- \_\_\_\_\_. *O diabo na Ex-4ª Colônia: algumas considerações teórico-metodológicas*. *Revista Perspectiva*, ano 18 - nº 62. Erechim: URI, 1994. p.67-77.
- \_\_\_\_\_. *A produção social do espaço geográfico - algumas considerações*. *Revista CEPEDAL*, ano II, nº II. MC Rondon: UNIOESTE, 1995. p.7-14.

\_\_\_\_\_. *A construção do espaço em Nova Palma/RS*. Florianópolis: UFSC, 1996. Dissertação de Mestrado.

- SPONCHIADO, Pe. Luís. *A anágrafe de Nova Palma e os inícios da Colônia Silveira Martins*. IN: *A presença italiana no Brasil: Vol. II/Org. Luís A. de Boni [et al.]*. Porto Alegre: Torino/EST; Fondazione Giovanni Agnelli, 1990. p.425-446.
- TRUDA, Francesco de Leonardo. *L'influenza etnica, sociale ed economica della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud*. IN: *Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande Del Sud (1875-1925) - La cooperazione degli italiani al progresso civile ed economico del Rio Grande del Sud*. Porto Alegre: Globo, 1925. p.245-255.